

EDITORIAL

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E INFORMAL OUTROS TEXTOS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS

NON-FORMAL EDUCATION AND INFORMAL: EDUCATIONAL CONTEXTS AND OTHER TEXTS



Maurício Roberto da Silva

Editor

mauransilva@gmail.com

Miguel Ângelo Silva da Costa

Editor

miguel.costa@unochapeco.edu.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, M. R. COSTA, M. A. S. C. Educação não-formal e infomal: outros textos e contextos educacionais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.15, n.31, p. 05-15, jul./dez. 2013.



**Queremos saber, o que vão fazer
com as novas invenções**

queremos notícia mais séria
sobre a descoberta da antimatéria
e suas implicações

**na emancipação do homem
das grandes populações.**

**homens pobres das cidades,
das estepes, dos sertões** (grifos nossos).

Queremos saber, quando vamos ter
raio laser mais barato, queremos de fato um relato,
retrato mais sério
do mistério da luz,
luz do disco-voador

**pra iluminação do homem
tão carente e sofredor** (grifos meus),

tão perdido na distância
da morada do Senhor.

**Queremos saber, queremos viver
confiantes no futuro**

**por isso se faz necessário
prever qual o itinerário da ilusão,**

**a ilusão do poder,
pois se foi permitido ao homem**

tantas coisas conhecer(grifos nossos)
é melhor que todos saibam
o que pode acontecer.

Queremos saber, queremos saber,
todos queremos saber.

("Queremos saber", de Gilberto Gil, grifo nosso).

¹ BASTIDE, Roger. *A propósito da poesia como método sociológico*. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira (Org.). São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais). O autor nos lembra que “[...] o sociólogo pode e deve se utilizar da expressão poética que se liga à poesia sociológica. Trata-se, com o fim de dar uma imagem exata da sociedade, não de desencadear, mas sim de exprimir tão fielmente quanto possível os elementos estéticos e, para nós, também políticos da vida social. Trata-se pois de uma expressão poética especial: a expressão da poesia sociológica” (Bastide, 1983, p. 86).

² GARCIA, Regina Leite (Org.). *Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais*. São Paulo: Cortez, 2003.

³ SILVA, Maurício Roberto. Prefácio. In: GAMBOA, Silvio Sanchez. *Projetos de Pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas*. Chapecó, SC: Argos, 2013.

⁴ GAMBOA, Silvio Sanchez. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. Chapecó, SC: Argos, 2012.

Antes de qualquer coisa, com base na ideia da “poesia como método sociológico”, de Roger Bastide¹, gostaríamos de recuperar os versos contidos nos editoriais das edições de 2011, n. 26 e n. 27, respectivamente, “Os dilemas das políticas científicas: me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios” e “O conhecimento caminha lento feito lagarta...” e “o duplo desafio contraditório: correr atrás do ‘qualis’ e garantir conhecimento de qualidade e relevância pública...”. Esses versos vêm acompanhando a construção da revista, praticamente, em todas as edições. Isso se verifica, pois todos nós que produzimos e socializamos o conhecimento nas ciências humanas e sociais, vivemos, diuturnamente, as contradições, o estresse e as pressões engendradas pela lógica do positivismo exacerbado.

Estamos sempre no limiar da pressa e da exigência pela quantidade em detrimento da qualidade de vida e, conseqüentemente, das pesquisas que produzimos. Nesse sentido, produzir uma revista não escapa dos ditames da lógica da produção científica descartável, efêmera e desprovida de tempo de maturação e qualidade teórico-conceitual, capaz de tocar e retornar a realidade. Essas reflexões presentes nos editoriais anteriores somam-se à questão ética que afeta não somente os editores de revistas e livros, mas também os diversos processos de produção do conhecimento e orientação desde a graduação à pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*.

Dessa forma, os versos “querendo saber o que vão fazer com as novas invenções” e “[...] suas implicações na emancipação do homem das grandes populações, homens pobres das cidades, das estepes e sertões”, são fulcrais para refletirmos “para quem pesquisamos, para quem escrevemos”². Esse exercício ético-político traz a reboque, antes de qualquer incursão teórico-metodológica, a necessidade de se pensar o papel da reflexão radical e rigorosa da produção e veiculação do conhecimento, que implica, essencialmente, em se pensar a relevância acadêmica, pessoal e social³, como um pressuposto ontológico, epistemológico e ideológico, a compreensão da pesquisa como estratégia de inovação educativa⁴.

Postas essas reflexões, é com muita alegria que publicamos mais uma edição da Revista Pedagógica, relativa ao ano de 2013.2. Em 2013, recuperamos a periodicidade, no total de seis edições em um ano, que abrangiam as edições 2010.2, 2011.1, 2011.2, 2012.1, 2012.2 e 2013.1. Procuramos em cada uma das edições atualizadas, fazer modificações de forma e conteúdo, muitas delas fruto das experiências acumuladas no intercâmbio com os diversos colegas editores, que participam do Fórum de Editores de Periódicos na Área de Educação (FEPAE). Também é importante destacar o salto qualitativo que estamos tentando implementar, com base nas indicações “Avaliação Qualitativa dos Periódicos em Educação”, realizada pela Associação Nacional

de Pós-Graduação em Educação (Anped) em 2012, cujos resultados foram apresentados na Reunião da Comissão de Avaliação de Periódicos da Área de Educação – no FEPAE, na 35ª Reunião da ANPED no mês de outubro de 2012.

⁵Disponível em: <www.anped.com.br>.

O formulário de avaliação da Anped⁵, conforme comentamos na edição 2012.1, teve como intento apontar alguns aspectos, de natureza qualitativa que pudessem nortear os editores, no sentido de encontrar formas de superação dos possíveis limites, problemas e equívocos das revistas em termos de forma e conteúdo. Esses aspectos, comuns para todos os periódicos do FEPAE, incluíam os seguintes pontos: escopo da revista, conselho editorial, dossiês temáticos, artigos de demanda contínua, concentração geográfica ou institucional, interlocução com países, entre outros. A avaliação da Revista Pedagógica apontou alguns pontos positivos e limites (pontos negativos), que foram explicitados na edição tomada como objeto de avaliação (ano 11, n. 22 e n. 23, 2010.2). Assim, no ponto de vista de uma avaliação positiva, foi possível enumerar alguns pontos, até então contemplados:

- a) A revista conta com um Comitê Científico externo, com participação de pesquisadores da Espanha e de Portugal, além de brasileiros dos Estados de São Paulo, Bahia, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Santa Catarina;
- b) A indicação de que a revista tem como meta “contribuir para a divulgação de estudos e pesquisas do Oeste Catarinense, bem como difundir o conhecimento resultante das diferentes atividades de pesquisas realizadas em todos os estados brasileiros e em outros países”;
- c) Na edição avaliada, os artigos são originais e, basicamente, derivados de reflexões e problematizações de temas e/ou resultados de pesquisa: “a iniciativa em aglutinar alguns artigos na forma de dossiê temático, v. 1, n. 4, jan./jun. 2010, parece caracterizar uma reorientação da proposta de conteúdo da revista, **trazendo textos de Portugal, do Peru e do Brasil mais bem articulados, e com significativa contribuição, tanto metodológica, quanto teoricamente**” (grifo nosso); “**Os temas veiculados são atuais e a qualidade metodológica é boa**” (grifo nosso).

No que diz respeito aos pontos negativos e carentes de superação, a avaliação da Anped destacou:

- a) “A cada número da revista pedagógica, **publica-se entre seis e sete artigos, uma entrevista e uma resenha. Ou seja, é um número pequeno de textos**” (grifo nosso);
- b) “A **política editorial da revista é ampla, pouco definida**, os artigos submetidos são coerentes com a orientação que tem a revista” (grifo nosso);

- c) “A avaliação que a revista tem recebido das demais áreas do conhecimento, pelo sistema Qualis CAPES, indica **a interlocução pouco destacável com as áreas de ciências humanas e sociais, e interdisciplinares**” (grifo nosso);
- d) “A qualidade da impressão do texto é muito boa, mas a das imagens e demais elementos gráficos merece ser aprimorada”;
- e) “**Não ficam nítidos os demais impactos, tanto na formação de professores, como na educação básica e nas políticas públicas educacionais**, fato que merece ser revisto e receber devida atenção, especialmente para o perfil da revista, que indica explicitamente o desejo de influência local, regional e nacional” (grifo nosso).

Quando se lança o olhar para as edições recuperadas até esta em pauta, podemos dizer que ainda há muito que fazer, em termos de qualidade do projeto editorial. Contudo, há de se ressaltar que, em termos de autocrítica, conseguimos galgar novos degraus na busca pela qualidade formal e de conteúdo do periódico. Isso significa dizer que, em termos práticos, esta edição já apresenta um salto de qualidade no contínuo da evolução qualitativa, que se expressa desde o seu formato até a robustez de seus artigos e textos. Isso foi possível, graças às sugestões propostas pela avaliação da Anped e pela aprendizagem com os outros periódicos que compõem o FEPAE. Na prática, pode-se perceber os diversos aspectos consubstanciados nas mudanças concretas da política editorial.

Á guisa de exemplo, foi possível verificar as seguintes mudanças alcançadas até agora:

- Escopo mais claro e delimitado;
- Não-concentração geográfica e institucional na perspectiva da superação da endógena institucional;
- Interlocução e intercâmbio com pesquisadores de diversas universidades nacionais e internacionais (França, Moçambique, Portugal, Espanha), que está materializada nas edições atualizadas;
- Mudança no projeto estético-gráfico mais definido, com formato e desenho mais criativo e agradável para os leitores;
- Mudanças no conselho editorial com maior participação de intelectuais de instituições nacionais e internacionais;
- Dossiês temáticos menos repetitivos e de relevância para o estado de conhecimento das pesquisas em educação;

- Artigos de demanda contínua produzidos por intelectuais nacionais e internacionais, reconhecidos na área, assim como resultados de pesquisas oriundas de grupos de pesquisa consolidados nacional e internacionalmente;
- Consolidação das sessões e criação de novas (Fórum Permanente de Debate sobre a Educação Básica, Textos Audiovisuais, Entrevistas, Caminhos Abertos), que permitem tanto a participação de pesquisadores experientes quanto iniciantes na pesquisa;
- Veiculação de textos e artigos com possibilidade de mais impacto, tanto na formação de professores quanto na educação básica e nas políticas públicas educacionais;
- Publicação de artigos e textos com caráter mais universal e particular sobre educação, articulados com as problemáticas debatidas no interior dos GT's da Anped;
- Diálogo da revista com os grupos de pesquisa de outros Programas de Pós-Graduação (PPG) nacionais e internacionais;
- Possíveis articulações com as linhas de pesquisa do nosso próprio Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE): Linha I – Formação de Professores, Produção do Conhecimento e Processos Pedagógicos; Linha II – Desigualdades Sociais Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas;
- Divulgação de chamadas para dossiês e artigos de demanda contínua na página da revista, FEPAE e listas de pesquisadores.

Além de todos esses aspectos elencados, destaca-se, finalmente, o esforço em redimensionar uma política editorial da revista, no sentido de fomentar o debate e a produção/veiculação de pesquisas, que possam ter como mote a “Pesquisa como estratégia de inovação educativa: as abordagens práticas” (Gamboa, 2012, p. 107)⁶, com vistas ao processo permanente da formação continuada e nos diversos níveis de ensino, sobretudo, dos problemas da educação básica, conforme o artigo de Silvio Sanchez Gamboa⁷, publicado nesta edição. A ideia é produzir estudos e pesquisas, que tragam em seus bojos a relação teoria e prática, traduzidas em “problemáticas significativas” de relevância pública, que se originem das demandas da educação formal em seus diversos níveis: ensino fundamental, médio e superior, em articulação com as demandas e problemáticas oriundas da não-formal (grupos e movimentos sociais) e informal, tanto no ponto de vista local, regional e nacional quanto internacional.

⁶ GAMBOA, Silvio Sanchez. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. Chapecó, SC: Argos, 2012.

⁷ Texto oriundo da conferência apresentada por Silvio Sanchez Gamboa, no “Ciclo de Palestras e debates Sobre os Rumos da Educação Escolar”, organizado pelo PARFOR/Unochapecó, em março de 2003, cujo tema foi “A pesquisa como estratégia de inovação educativa: a formação continuada e os problemas da Educação Básica”.

Nesta edição, o dossiê tem como tema “As pesquisas sobre Educação não-formal e informal,” cuja ementa teve a seguinte proposta de conteúdos: questões conceituais sobre educação não-formal e informal; os limites e possibilidades da educação não-Formal e informal; as relações entre educação formal, informal e não-formal; a pesquisa das pesquisas (o estado do conhecimento) em educação formal e não-formal; relatos sobre educação formal e não-formal fundamentados em experiências com grupos e movimentos sociais.

A seção traz importantes contribuições dos seguintes autores e autoras: Antônio Munarim e Wilson Schmidt, Celi Nelza Taffarel et al., Daniele Hungaro, Celso Francisco Tondin e Nedio Seminotti, Fernando César Paulino-Pereira et al., Fernando Roberto da Costa Linhares e Sylvania Sousa do Nascimento, Rubia Fernanda Quinelatto Caparros e Elenice Maria Cammarosano Onofre, Djalma Ribeiro Junior, Erivelto Santiago Souza, Nuno Vieira.

As reflexões desses autores e autoras sugerem pistas teórico-metodológicas para se pensar e agir, no limiar das questões relativas aos processos educativos formais, não-formais e informais. Nesse sentido, os problemas de pesquisa sugerem novos aportes epistemológicos e teórico-metodológicos e a revisão de antigos, quando se trata de uma problemática tão complexa. Assim, os temas/problemas são permeados de categorias de análise de extrema relevância social e acadêmica (classe, gênero, geração, cultura e entre outras), que não se esgotam em apenas um conjunto de artigos que compõem este dossiê. Em linhas gerais, os textos tratam de questões conceituais e propositivas, marcos legais, processos e práticas educativas, políticas públicas, educação popular, direito à cidadania, relação teoria e prática com a abordagem metodológica da pesquisa-ação.

Além do mais, os temas/problemas que constituem o dossiê instigam reflexões para se pensar as “pesquisas das pesquisas” sobre educação não-formal e informal, a saber: educação “do” e “no” campo e políticas públicas; círculos de estudos, esporte, lazer e artes com os jovens do campo, movimentos sociais do campo e o direito à educação no Brasil; pesquisa-ação e formação de educadores na/da educação não-formal; educação formal de ciências: prioridade para cientista ou para o cidadão; educação com grupos, organizações e movimentos sociais, processos educativos em práticas sociais populares; perspectiva formal e informal e a relação educação e trabalho, educação e jovens em conflito com a lei; contextos educacionais aplicados à educação em astronomia; intervenções psicossociais com crianças e adolescentes em situação de exclusão social.

Os diversos artigos publicados no dossiê inspiram a formulação de debates críticos propositivos e permanentes sobre os fenômenos multidimensionais e complexos, expressos nas práticas educativas, documentos e discursos

produzidos, tanto nas instâncias formais públicas e privadas (universidades, escolas, institutos de pesquisa e entre outros) quanto nas organizações da sociedade civil em geral (ONGs, sindicatos, partidos, grupos e associações comunitárias). Nesse sentido, o desafio é colocar em pauta as dimensões inter e multidisciplinares, principalmente, quando estão em jogo as problemáticas educacionais particulares e universais, formais, não-formais e informais, no que diz respeito às categorias analíticas de classe, gênero, raça/etnia, cultura, geração, família e outras, densamente problematizadas nos GT's da Anped e outras instituições.

Em suma, o desafio maior é, portanto, conceber e praticar a educação de mais ampliada, propositiva e crítica⁸ que, por sua vez, recusa de fragmentações, dicotomias e dualismos, quando se trata da dialética entre educação formal (escolar) e educação não-formal e informal (não-escolar)⁹. Porém, urge destacar que a educação não-formal representa um “campo de conhecimento” muito abrangente, podendo ser compreendida como um segmento do campo educacional, mas com características e propriedades que lhe são particulares. Mesmo assim, apesar da educação não-formal ser compreendida como um outro campo educacional, diferente do formal, a perspectiva de oposição a esse campo foi construída e apontada desde o início, em função da educação não-formal ser encarada como possibilidade de atuar em questões da educação formal¹⁰.

No limiar dessas controvérsias, Afonso, citado por Fernandes e Park¹¹, adverte que o conceito de educação não-formal não faz parte do conceito de educação formal, apesar de possuir algumas relações com essa, mas trata-se de outro conceito. De acordo com o autor, a educação não-formal, não necessariamente tem uma relação direta e de dependência com a educação formal. Ela é um acontecimento que tem sua gênese em distintas preocupações com a formação integral do ser humano no sentido de considerar as contribuições advindas de experiências que não são priorizadas na educação formal.

No que tange à educação informal, convém destacar que, muitas vezes, é um conceito usado como sinônimo de educação não-formal, embora educação informal possa diferir da educação não-formal à medida que, como “informal”, pode-se entender toda a gama de aprendizagens que realizamos, tanto no papel de ensinantes como de aprendizes e cujos processos ocorrem sem que haja um planejamento específico. A educação informal, portanto, diz respeito a um processo que ao longo da vida cotidiana, constitui-se num processo permanente e contínuo e não previamente organizado e planejado (Afonso apud Fernandes; Park, 2007, p. 127)¹².

Em síntese, o dossiê temático traz ideias instigantes para se pensar a educação de maneira crítica e mais ampla, que possa incluir no bojo das análises, as possíveis rela-

⁸ Ver o dossiê e editorial da Revista Pedagógica, 2013.1. Disponível em: <www.unochapeco.edu.br/revistas>.

⁹ SILVA, Maurício Roberto. Notas introdutórias sobre o GTT Educação Física/Espportes e Grupos/Movimentos Sociais. In: GOELLNER, Silva Vilodre (Org.). *Educação Física/Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento*. Florianópolis, SC: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

¹⁰ PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, Amarildo. *Palavras-chave em Educação Não-Formal*. Campinas, SP: Editora Unicamp/CMU, set. 2007.

¹¹ FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth B. Educação não-formal. In: PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, Amarildo. *Palavras-chave em Educação Não-Formal*. Campinas, SP: Unicamp/CMU, set. 2007.

¹² Ibidem.

ções entre educação formal e educação não-formal e informal, sobretudo, na perspectiva das desigualdades sociais no Brasil e América Latina. Esse é um desafio para além dos textos publicados nesta revista, considerando que há a necessidade de uma urgente reflexão-ação para se pensar a articulação das lutas sociais engendradas por uma educação de qualidade, cujo cerne seja articulação com as diversas demandas e ações dos grupos não-formais, como os movimentos sociais (MST, Movimento Negro, entre outros) e de grupos informais que se mobilizam via redes sociais (Black Blocks etc.). Para que isso aconteça, talvez seja necessário recorrer aos pressupostos teórico-metodológicos da “educação crítica”, para que busquem nos “estudos educacionais críticos” expor e problematizar as desigualdades sociais e econômicas (classe), articuladas com outras formas de dominação e exploração (gênero, raça/etnia, cultura etc.). Uma educação crítica, possível de abarcar os aspectos formais, não-formais e informais da educação, a partir de uma compreensão mais robusta, que se baseie cada vez mais na percepção de múltiplas dinâmicas que sustentam as relações de exploração e dominação em nossas sociedades¹³. Isso também implica considerar, simultaneamente, temas que dizem respeito à política redistributiva (processos e dinâmicas econômicas de exploração) e à política de reconhecimento (lutas culturais contra a dominação e lutas pela identidade), que precisam consideradas em conjunto. Nessa linha de raciocínio, trata-se de se realizar uma “educação para além do capital”, cuja tarefa e objetivo central é a luta contra sociedade mercantil, a alienação e a perpetuação e reprodução do sistema injusto de classes sociais¹⁴.

Assim como o dossiê, a seção de “Artigos de demanda contínua” traz para o projeto da revista a companhia epistemológica de uma plêiade de pesquisadores e pesquisadoras que são referências acadêmicas nacionais e estrangeiras, que muito tem contribuído para a produção do conhecimento em ciências sociais e humanas, tais como: Miguel Arroyo (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG), Maria Cecília de Minayo (Fundação Oswaldo Cruz), Zeila de Brito Fabri Demartini (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP), Silvio Sanchez Gamboa (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP), Emília Vilarinho (Universidade do Minho, Portugal). Junto a esse grupo, estão pesquisadores e pesquisadoras, cujas pesquisas têm se destacado em suas PPGs de origem, nos GT’s da Anped e em outros eventos nacionais e internacionais: Ângela M. F. Petrus (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Natália V. Lima (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Daisy M. Cunha (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Alessandra Chaves Zen (E. M. E. F. Duque de Caxias), Nilda Stecanela (Universidade de Caxias do Sul – UCS), Almir Paulo dos Santos (Universidade Estadual do Centro-Oeste), Mariléia Maria da Silva e Gilberto

¹³ APPLE, Michael W.; AU, Wayne, GANDIM, Luis. *Educação Crítica: análise crítica internacional*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

¹⁴ SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.

Nogara Júnior (Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC), Márcio Luft e Leonel Piovezana (Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó).

O teor dos artigos, no ponto de vista teórico-metodológico e epistemológico, contempla as mais variadas problemáticas, que podem ser agrupadas em diferentes eixos temáticos: **1) Metodologia da pesquisa em educação:** a pesquisa como estratégia de inovação educativa (Gamboa), história de vida e a prática de pesquisa em educação (Demartini); **2) Temas polêmicos na educação:** política e ética na educação (Arroyo), Violência e Educação (Minayo); **3) Educação e trabalho:** juventude, trabalho, políticas públicas, migração, experiências e pretensões profissionais (Silva e Nogara), a produção de saberes no trabalho (Lima, Cunha e Petrus); **4) Políticas públicas e gestão em educação:** gestão democrática e Sistema Nacional de Educação (Santos), educação e cuidado infantil em Portugal (Vilarinho), investimento no ensino fundamental regular e os resultados anuais do IDEB (Luft; Piovezana); **5) Educação e cotidiano:** reflexões sobre o cotidiano das práticas com imagens (Stecanela e Zen).

Nesta edição, a seção “Resenhas” é contemplada com uma excelente análise do Professor Edivaldo Bortoleto, da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), acerca do livro **recém editado pela Editora Argos (2014)**, sob a autoria de Silvio Sanchez Gamboa, *Projetos de Pesquisa, fundamentos Lógicos: A dialética entre perguntas e respostas*.

A seção “Entrevistas”, sob a coordenação das professoras Nadir Zago (Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó) e Léa Paixão (Universidade Federal Fluminense - UFF), traz uma entrevista de suma pertinência e atualidade para se pensar sobre a importância em pesquisar gênero e raça, para a compreensão das desigualdades educacionais e os desafios da pesquisa nesse campo do conhecimento.

A seção “Fórum Permanente sobre Educação Básica”, como anunciamos na nossa página, foi criada para incentivar os pesquisadores a realizar pesquisas, “que possam refletir os principais temas e problemas da escola básica brasileira, análise de políticas públicas, relatos fundamentados sobre o cotidiano da escola básica e outros”. Foi com base nisso que Julia Mara Pegoraro Silvestrin e Maria do Carmo Oliveira Saraiva, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), trouxeram para a comunidade acadêmica uma análise de suma relevância teórico-prática, para se pensar a continuidade do tema “gênero e educação” com o texto “O debate de Gênero nas propostas curriculares da Educação Física na Educação Básica dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul”.

O objetivo da seção “Caminhos Abertos”, conforme o escopo da revista, é primordialmente fazer uma conexão da pós-graduação com a formação inicial. Assim, serão pu-

blicados textos oriundos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC's) e de Iniciação Científica, relatórios de estágio e monitoria devidamente fundamentado. Além disso, incluídos outros tipos de trabalhos científicos: relatórios de extensão, intercâmbios nacionais e internacionais, relatórios de pós-doutoramento, relatórios resultantes de processos de formação continuada e outros. Sendo assim, nesta edição, veiculamos dois textos. O primeiro de autoria de Eliane Gomes da Silva, Celeida Paredes Francisco e Rodrigo Cordeiro Camilo, cujo título é “Formação de professores e laboratório didático especializado: espaço de aprendizagens significativas na constituição docente”, que tem como objetivo “apresentar e fundamentar o trabalho que temos desenvolvido na coordenação e docência de um curso de Pedagogia, ou seja, na sua mobilização curricular, de modo a oferecer espaço educativo para que futuros docentes possam, no decorrer mesmo da licenciatura, experimentar, no concreto, ações pedagógicas que já contam com a participação efetiva de crianças também concretas e singulares”. O segundo texto “Princípios de referência para projetos curriculares no campo da educação física escolar” é de autoria de Renato Facenda e Ricardo Rezer, e tem como objetivos “refletir sobre possibilidades de estruturação de um projeto curricular para o ensino da Educação Física (EF) no contexto escolar”, discutir sobre currículo representa, identidade, bem como questões epistemológicas, axiológicas e teleológicas da EF, sistematizar a compreensão sobre as concepções de fundo que orientam as propostas curriculares permite a edificação de uma fundamentação mais elaborada para sua construção.

A última seção da revista é “Textos Audiovisuais”, seu intento é veicular *on-line* as diversas linguagens audiovisuais (TIC's), tais como: curtas metragens, exposições fotográficas, desenhos, história em quadrinhos etc., visando incrementar o debate sobre as diversas problemáticas da área, buscando estabelecer as relações entre Mídia e Educação e, por fim, difundir outros tipos de pesquisas de caráter iconográfico. Nesta edição, disponibilizamos o documentário *Rekomense*, que aborda sobre a vida dos haitianos no Oeste de Santa Catarina. O curta trata questão da vinda dos imigrantes haitianos, que passam a modificar o cenário da cidade de Chapecó e suas vidas. O intuito do filme foi documentar, com base nos estudos culturais e de cidadania, refletir sobre a interação desses indivíduos no cotidiano do novo país, o Brasil. A produção audiovisual revela parte da vida desses imigrantes no município de Chapecó, onde estão trabalhando e morando. A proposta é mostrar as perspectivas e realidade de pessoas que precisam se adaptar a uma cidade completamente distinta da sua, considerando que a maioria dos habitantes de Chapecó é da cor branca, descendentes de europeus: alemães e italianos. O documentário foi realizado pelos alunos do sexto período do Curso de Jornalis-

mo (2013.2), contando com o apoio da Unochapecó: Ana Marinho, Beatriz Cerino, Caroline Figueiredo, Everson Chagas e Izabel Guzzon.

À guisa de divulgação, reafirmamos que o tema do dossiê temático para a edição de 2014, volume 2, conforme a chamada na nossa página, será: “As relações entre a Pós-graduação *Stricto Sensu* e a Graduação: demandas atuais, desafios e perspectivas”. Justificamos que para a edição 2014.1, não haverá chamada específica, tendo em vista que teremos uma **Edição Especial** neste número. Esta a edição, terá como conteúdo os artigos oriundos da produção do conhecimento para o evento **II Seminário Internacional Culturas e Desenvolvimento (SICDES)**, o **II Congresso Sul-Brasileiro de Promoção dos Direitos Indígenas (CONSUDI)** e o **V Colóquio Catarinense de Ensino Religioso**. Abordando a temática **Educação Intercultural em Territórios Contestados**, o evento foi realizado entre os dias 14 e 16 de maio de 2014, em Chapecó – Santa Catarina, sob chancela da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Universidade Regional de Blumenau (FURB) e Associação dos Professores de Ensino Religioso (ASPERSC).

Assim sendo, desejamos uma boa leitura.

Editores